



WORKSHOP

SEXUALIDADE E ESTIGMA

Link do workshop:

https://www.youtube.com/watch?v=D5i_D6yY2Gw

Convidada:

Vera Paiva (USP)



RELATÓRIO 3º

WORKSHOP DA ABIA



Atividade propõe reflexões sobre como o estigma relacionado ao HIV impacta a sexualidade

Na semana do Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+ – celebrado em 28 de junho – a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) realizou o Workshop “Sexualidade e estigma”. O 3º workshop da ABIA abordou como o estigma e o preconceito impactam a sexualidade e expõem as pessoas em situações de vulnerabilidade para a infecção do HIV e de outras infecções sexualmente transmissíveis. O objetivo

foi discutir e apontar caminhos para contribuir no enfrentamento do estigma relacionado ao HIV. A palestrante convidada foi Vera Paiva, professora titular do Departamento de Psicologia Social do Instituto de Psicologia Social da Universidade de São Paulo (USP).

“Neste momento de conservadorismo exacerbado, é muito importante abordar este tema que é central no enfrentamento do estigma e da discriminação na resposta à epidemia do HIV/AIDS”, afirmou Veriano Terto Jr., vice-presidente da ABIA, na abertura.

INÍCIO

Veriano Terto Jr, vice-presidente da ABIA, foi o responsável por dar as boas-vindas. Segundo ele, “Vera Paiva é uma grande ativista na luta pelos direitos humanos e combate ao HIV, dentro e fora da ABIA, e uma destacada personagem no campo da sexualidade”. A painelistas resumiu a maneira pela qual o estigma transita na sociedade. “Muitas vezes o estigma atua como a discriminação, humilhando e com extrema violência para com o sentido da dignidade humana, de direitos, mas

também se transformar em desigualdade”, explicou a acadêmica.

Segundo Paiva, a sexualidade é ampla, se associa a diversos fatores e pode ser atravessada diametralmente com outros processos culturais da sociedade. “Não falo de uma sexualidade que aparece natural de uma experiência psicossocial natural, à biologia ou desígnio de vida. Mas sobre a sexualidade que depende da socialização permanente, que não acaba

na adolescência e é uma síntese de influências horizontais”, afirmou. Para a especialista, esses processos passam por:

- Reconhecimento dos significados internos (sequência de atos especificamente sexuais);
- Decodificação de situações (na adolescência, por exemplo);
- Vinculação de significados de aspectos não sexuais.

Ela lembrou da mensagem de um dos pesquisadores mais lidos sobre a sexualidade. “John Gagnon, um estudioso da sexualidade, dizia que aprendemos a executar uma tarefa como ‘carreira’, que dá outro significado em nossas vidas.

Então, aprendemos a executar o conjunto de tarefas da sexualidade interagindo com demais atores na sociedade. Quem está na cena e com que intenção? Fazendo o que? Atribuído a que ato? São esses termos que precisam ser entendidos, pois resultam de práticas”, indagou. Diante disso, Vera fez algumas provocações aos participantes: “quais eram os scripts desvalorizados? Indesejáveis? E quem os tornavam assim, no que diz respeito às suas sexualidades?”.

SAÚDE, ESTIGMA E DIREITOS HUMANOS

Violência e negligência de direitos encontram sinergia conforme maior for a vulnerabilidade, o agravo e o sofrimento daquelas populações em seus locais sociais. Em contexto de pandemia, o estigma atravessa com mais força os sentidos e a discriminação torna-se companheira da rotina. É dessa forma que a psicóloga busca interpretar a cena sexual em meio à pandemia da Covid-19. Nesse momento, provocados pela fala, os participantes levantaram inúmeros questionamentos através do chat do Zoom sobre sexualidade e pessoas trans, saunas, movimento LGBT e outros assuntos. Sintetizando, Paiva disse que “o que me chama atenção sobre a sexualidade na pandemia é o duplo

perigo: da minha exposição e a dos meus parceiros. É com máscara e sem camisinha ou com camisinha e sem máscara? Nem todo mundo pode fazer sexo ao ar livre. Mas, de qualquer maneira, ouço bastante dos jovens moradores de favela: ‘o ‘que fazer quando eu voltar para casa após um sexo?’”, compartilhou ela.

Ainda em sua apresentação, Vera Paiva ressaltou que é importante prestar atenção na construção e desconstrução da ressocialização da sexualidade. Isto é, que “os direitos humanos dos sujeitos atuem em todas as direções sem que a diferença descaracterize sua integridade e humanidade”.

LOKA DO EFAVIRENZ

O segundo painalista a falar no 3º workshop da ABIA foi Marcelo Jardim, estudante de psicologia na graduação e em saúde coletiva na USP. Jardim é também aluno da professora Vera Paiva e ativista do Coletivo Loka do Efavirenz, grupo que compreende a AIDS como mais uma matriz da violência institucional, estrutural e simbólica que marginaliza ainda mais as populações historicamente

oprimidas e atua de forma artístico-político-cultural. Jovem, o acadêmico trouxe a perspectiva do movimento social de AIDS e das juventudes com o HIV e a sexualidade.

“Na época do clube do carimbo, foi um período de muito estigma. Porque houve muitas ações policiais e argumentos de que as travestis e outros gays estariam

‘passando o HIV, a peste gay’ para as outras pessoas. Uma característica de estigmatização de pessoas vulneráveis, busca pela criminalização de pessoas com HIV/AIDS via projetos de lei e matérias sensacionalistas”, disse ele, em referência ao período em que foi exibida uma matéria no Fantástico, em 2018, sobre pessoas que transavam com outras, sem camisinha, sendo HIV+.

“Essas pessoas, na prática e na verdade, nem praticavam o sexo dessa forma. Elas ganharam uma notoriedade de forma que foram associadas ao *barebacking* e de forma muito negativa. Porque essa prática ficou marcada e notável muito no virtual, então dependendo do floreio e da fantasia que você dá a isso na internet, tudo toma um novo caminho”, entrevistou o vice-presidente da ABIA, Veriano Terto Jr.

Como expoente da sociedade civil organizada, Jardim disse que foi

necessário atuar em diversas frentes de forma que pudesse contrapor aos discursos moralistas e criminalistas que submergiram. Por meio do coletivo Loka do Efavirenz, foi criada uma música eletrônica de cunho político-social (abordando o HIV, os Direitos Humanos, o SUS, LGBTQ+ e outros) e disponibilizada na internet - Jardim compartilhou um trecho dela com os presentes.

Completando a intervenção do estudante, Vera Paiva afirmou ser “extremamente revigorante” a atuação do Loka do Efavirenz. “É um trabalho e uma resposta cultural que perpassa a dimensão agente e sujeito, de uma forma muito direta e objetiva. A identidade tem uma noção rígida, ainda que nossa identidade seja mais fluída. Mas a trajetória da sexualidade, quando escolhemos seguir por um caminho diferente, é muito relevante para definir estigma e discriminação”, pontuou.

Angélica Basthi, coordenadora de comunicação da ABIA, quis saber de Marcelo Campos de que forma o coletivo do Loka vem utilizando a internet nesse período da pandemia.

Sincero, o jovem disse que “está sendo uma loucura. Temos um campo aberto - no Facebook, Instagram, parcerias com outros ativistas e movimentos sociais - para fazer ações conjuntas. Fizemos várias lives, produções de conteúdo sobre qualidade de vida, direitos e fomos percebendo que há um certo - e isso acontece muito - afastamento quando falamos sobre AIDS, assim como quando falamos sobre travestilidade, *ball rooms* e estamos com uns projetos novos sobre ciclos de formação”, informou Jardim.

Para enriquecer os diálogos, Vera Paiva trouxe o contexto das novas gerações para o workshop. Segundo ela, mesmo com a pandemia, os jovens continuam saindo e iniciam sua vida sexual bem antes dos 19 anos. “Muitos estão fora da escola e não sabemos como estão transando. Vou fazer uma pesquisa sobre isso: estão transando com camisinha, sem máscara e foda-se, ou estão usando a máscara com a camisinha? Porque tudo ao mesmo tempo é difícil de manejar. Há quase um apagamento de pedaços da consciência para dar conta dessa iniciação, principalmente para minha percepção, daqueles jovens de periferia”, afirmou.

Coordenador do projeto Diversidade Sexual, Saúde e Direitos entre Jovens da ABIA, Vagner de Almeida, chamou atenção para o

fato de que muitos desses jovens de favelas não possuem a mesma estrutura para a sociabilidade e a prevenção como jovens de classe média. “É muito difícil pensar e falar do jovem de periferia porque ele tem toda uma violência estrutural em torno dele. Então não podemos apenas dizer que eles estejam transando mais ou de forma mais exposta aos perigos. Hoje mesmo, em nosso site hshsjovem.abiaids.org.br, publicamos a entrevista de um jovem que, aos 25 anos, revela a desilusão e a forma como a pobreza, a fome e o desemprego afetam a saúde mental dele. Então é bacana repensarmos essas realidades, porque isso conta bastante”, disse Almeida.

Finalizando o evento, Veriano Terto Jr lembrou que essa ação do 3º workshop da ABIA não se encerra nessa atividade. “Nós temos uma série de ações ainda para realizarmos. Temos nosso podcast, disponível nas plataformas digitais e site da ABIA, nosso Instagram, outros workshops para realizar, aulas e talks para fazermos e o lançamento de novos materiais. É só nos acompanhar pelas redes sociais. No mais, quero agradecer a Vera e ao Marcelo pela participação e reflexões pautadas”, concluiu Terto Jr.

O workshop “Sexualidade e estigma” integra uma série de workshops que a instituição está oferecendo desde abril de 2021 para abordar aspectos que envolvem o estigma, a discriminação e o preconceito em relação às pessoas que vivem com HIV/AIDS.



ABIA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
INTERDISCIPLINAR DE AIDS